

A CRÍTICA FEUERBACHIANA DA RELIGIÃO: UM CONTRIBUTO À COMPREENSÃO DO CONCEITO DE ALIENAÇÃO RELIGIOSA

(Feuerbach's critique of the religion: a contribution to understanding
the concept of religious alienation)

Wodson Vieira Alves

Graduado em Filosofia pelo Instituto Salesiano de
Filosofia do Recife e graduando em Teologia
pelo Centro universitário Salesiano
de São Paulo (UNISAL), Campus Pio XI.

RESUMO

A interpretação antropológica ou redução antropológica da teologia - nega a Deus para a firmar o homem - que Feuerbach faz da religião é o ponto de partida para a sua compreensão de ideologia: não há libertação do homem sem a negação de Deus. Ele parte do pressuposto de que a religião é expressão e causa da alienação humana. Para Feuerbach, "o conhecimento que o homem tem de Deus é apenas o auto-conhecimento do homem e de sua própria essência". Ele realiza uma redução total da teologia e de toda a filosofia à antropologia uma vez que "o ser absoluto, o Deus do homem, é a sua própria essência". Nisso consiste a alienação religiosa: tornar como Deus algo que, na verdade, é apenas expressão do próprio homem.

Palavras-chave: alienação religiosa, teologia, religião, antropologia.

ABSTRACT

The interpretation of an anthropological or reducing the anthropological theology - denies God to confirm the man - who does Feuerbach religion is the starting point for his understanding of ideology: there is no liberation of man without a denial of God. It assumes that religion is the expression and cause of human alienation. For Feuerbach, "the knowledge that man has of God is only self-knowledge of man, of his own essence." He holds a total reduction of theology and all philosophy to anthropology as "the absolute being, the God of man is his own essence." There is the religious alienation: as God make something that actually only an expression of man himself.

Keywords: alienation of religion, theology, religion, anthropology.

Introdução

O presente artigo visa uma apresentação sumária da crítica da religião encabeçada pelo filósofo alemão Ludwig Feuerbach em "A essência do cristianismo". A crítica que Feuerbach tece à religião parte do pressuposto segundo o qual teologia é antropologia. Dessa forma, Feuerbach reduz a religião a um fenômeno antropológico, isto é, expressão da natureza humana. Assim, Feuerbach empreende uma redução dos atributos divinos da teologia a atributos humanos da antropologia. Esse é o ponto de partida para a sua afirmação de que a consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo, o conhecimento de Deus é o conhecimento que o homem tem de si mesmo e que, portanto, pelo Deus conheces o homem e vice-versa pelo homem conheces o seu Deus, já que a partir desse raciocínio ambos são a mesma coisa. Nesse sentido, o que Feuerbach faz é deslocar a

divindade de um Deus externo ao homem para o interior do próprio homem ao afirmar que o homem transporta primeiramente a sua essência para fora de si antes de encontrá-la dentro de si. A esse processo no qual a própria essência do homem torna-se para ele objeto primeiramente como uma outra essência, Feuerbach chama de autoalienação religiosa. Tencionamos mostrar como esse raciocínio é desenvolvido nas linhas que seguem.

1. O Ponto de Vista de Feuerbach sobre a Religião: Teologia é Antropologia

Por sua análise da atitude religiosa e pelo conceito de alienação, Feuerbach influenciou os pensadores socialistas do século XIX, especialmente Karl Marx. Seu pensamento representa a transição entre o idealismo hegeliano e o materialismo histórico. Ele “elaborou um materialismo para o qual só existe o homem, a natureza e “nada mais”. Seres superiores são apenas reflexo de nossa realidade”.¹ Nesse sentido, “Feuerbach soube trazer para o mundo sensível do dia-a-dia o fundamento humano de fatos e idéias que, antes, eram apenas explicados pela religião ou pelo idealismo abstrato. Propôs-se a mostrar, a partir da busca pelo fundamento antropológico da religião, que a história é o processo de humanização do homem e não teodicéia.”²

Em seus trabalhos, Ludwig Feuerbach se preocupa em grande parte com o fenômeno religioso. No prefácio à Segunda edição de *A Essência do Cristianismo* diz: “Meu objeto principal é o cristianismo, é a religião enquanto objeto imediato, essência imediata do homem”.³ Destarte, “a chave hermenêutica que o autor utiliza para a compreensão da religião é a seguinte: religião é antropologia, ‘teologia é antropologia’. Tudo, portanto, o que o homem fala acerca de Deus, através da linguagem religiosa, nada mais é que uma confissão de suas aspirações e projetos”.⁴ Daí, crê Feuerbach que na religião há uma carência da consciência de si do homem. Essa carência é a base da religião, onde o homem (religioso) aliena a sua essência.

2. Como procede a análise dessa questão em Feuerbach?

Certamente, a questão fundamental a ser considerada é o fato de que ele realiza uma interpretação antropológica da religião, ou melhor, uma redução antropológica. Nega a Deus para afirmar o homem, só o homem. Esse é, sem sombra de dúvida, o ponto de partida para a sua compreensão de *Ideologia*: não há libertação do homem sem a negação de Deus. Ele parte, portanto, do pressuposto de que a religião é expressão e causa da alienação humana. Nessa linha, situa-se o seu ateísmo bem como o de Marx.

O ponto de partida de sua demonstração centra-se na concepção singular de homem e de religião. Segundo Feuerbach, “a origem da religião funda-se na diferença entre o homem e o animal, ou seja, na consciência do homem: *Os animais não têm nenhuma religião*. Assim, o elemento que marca a diferença entre o homem e o animal é a consciência”.⁵ A partir da consciência o homem pode ter por objeto de reflexão sua própria essência, sua própria espécie.

Queremos ressaltar aqui que Feuerbach vê o homem não como indivíduo isolado, mas como espécie. Essa consciência que fundamenta a religião bem como seu próprio objeto pode converter em objeto outras coisas até seu próprio ser.

A alienação religiosa fundamenta-se, por um lado, na própria estrutura da consciência e, por outro, na tensão entre indivíduo e espécie daí decorrente. Em primeiro lugar, o homem tem consciência de si, isto é, ele é capaz de tomar sua própria essência como objeto de sua consciência. A consciência objetiva, enquanto consciência de objeto, pressupõe, constitucionalmente, a diferença entre o eu e o objeto. Ora, no caso, o eu se experimenta como finito, marcado por muitos limites, isto é, o eu finito, enquanto indivíduo, experimenta-se, em sua facticidade existencial, infinitamente distinto do que ele pode ser.⁶

De acordo com Manfredo A. De Oliveira, “a ilusão fundamental, que origina a religião, consiste no fato de o homem fixar a distinção entre o eu e o objeto, considerando sua própria essência infinita, seu objeto como distinto de si, como Deus, como um ser distinto de si, tentando, deste modo, superar a tensão fundamental entre o eu e o objeto de sua consciência”.⁷

Acontece, no entanto, que “na relação com os objetos sensoriais é a consciência do objeto facilmente discernível da consciência de si mesmo; mas no objeto religioso a consciência coincide imediatamente com a consciência de si mesmo porque o objeto sensorial está *fora* do homem, o religioso, ao contrário, está *nele*”.⁸ Por isso, será mais autoconsciência do que consciência de Deus. “A consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo, o conhecimento de Deus o conhecimento que o homem tem de si mesmo. Pelo Deus conheces o homem e vice-versa pelo homem conheces o seu Deus; ambos são a mesma coisa”.⁹ No fundo, o que acontece é que “o homem transporta primeiramente a sua essência para fora de si antes de encontrá-la dentro de si. A sua própria essência é para ele objeto primeiramente como uma outra essência”.¹⁰ Nesse sentido, a reflexão de Feuerbach intenta provar que “a oposição entre o divino e o humano é apenas ilusória, i.é., nada mais é do que a oposição entre essência humana e o indivíduo humano, que conseqüentemente também o objeto e o conteúdo da religião cristã é inteiramente humano”.¹¹ O homem, portanto, assume o lugar de Deus. A religião não mais se ocupará de Deus, mas do próprio homem.

Afirma Feuerbach: “A religião, pelo menos a cristã, é o relacionamento do homem consigo mesmo ou, mais corretamente: com a sua essência; mas o relacionamento com a sua essência como uma outra essência. A essência divina não é nada mais do que a essência humana, ou melhor, a essência do homem abstraída das limitações do homem individual, i.é., real, corporal, objetivada, contemplada e adorada como uma outra essência própria, diversa dele – por isso todas as qualidades da essência divina são qualidades da essência humana”.¹²

Nesse sentido, “ao projetar a si mesmo, o homem aliena-se de si mesmo, gerando a divisão consigo mesmo. Então, a alienação religiosa, segundo Feuerbach, é tomar como Deus algo

que, na verdade, é apenas expressão do próprio homem, ilusão, ídolo”.¹³ Como podemos notar, Feuerbach identifica uma inversão da realidade das coisas: o homem desnaturaliza-se na religião. Contudo, há por trás de tudo isso um fenômeno ideológico que faz crer que ele só é humano pela religião. Nesta, a causa idealizada torna-se uma causa real e a idéia se converte em realidade. No fundo, é esse raciocínio que aparece em Feuerbach: “o homem sacrifica o homem a Deus”.¹⁴

3. Onde estaria a verdade e a falsidade da religião?

A verdade da religião está nela na medida em que é o comportamento do homem perante seu ser infinito, ou seja, enquanto é uma forma, embora indireta, de o homem se dar conta de sua essência. Por outro lado, a falsidade da religião está em o homem tornar independente de si mesmo o seu próprio ser infinito, separando-o e opondo-o como diferente de si, produzindo a bipolaridade Deus e homem, alienando, assim, o último, ou seja, empobrecendo-o.¹⁵ Salientamos que ao afirmar o ser do homem como infinito Feuerbach admite a unidade do infinito no finito e põe o infinito no homem e não no absoluto, ou seja, para ele, homem finito refere-se ao homem enquanto indivíduo e homem infinito à espécie, gênero, humano, humanidade.

O ateísmo feuerbachiano torna-se, então, o caminho para o homem redescobrir sua dignidade, reconquistando sua essência perdida. Sua filosofia pode ser caracterizada pela negação da negação humana, ou seja, pela reinversão da realidade religiosa – realidade invertida em que a criatura do ser humano se sobrepõe ao próprio ser humano.

Há quem afirme que o objetivo da teoria de Feuerbach pode estar expresso no seguinte parágrafo de *A essência do cristianismo*: “A mudança necessária da história é, portanto, esta confissão aberta, de que a consciência de Deus nada mais é que a consciência do gênero, que o homem pode e deve se elevar acima das limitações da sua individualidade ou personalidade, mas não acima das leis, das qualidades essenciais do seu gênero, que o homem não pode pensar, pressentir, imaginar, sentir, crer, querer, amar e adorar como essência absoluta, divina, a não ser a essência humana”.¹⁶

Podemos notar até aqui que, na filosofia de Feuerbach, com seu antropocentrismo radical, o movimento de ascensão da subjetividade, característico da modernidade, chega a seu ponto culminante, pois “o homem, em especial o religioso, é a medida de todas as coisas, é a medida da realidade” (EC, p. 64). No seu humanismo anti-religioso, “o homem só conseguirá afirmar-se plenamente em todas as suas dimensões quando tiver suplantado a Deus, seja para reapropriar-se dos seus atributos, que na realidade nunca deixaram de ser o da humanidade, seja para libertar-se de uma ficção multilante e paralisante”.¹⁷

Conclusão

A crítica feuerbachiana à religião representa, portanto, uma crítica ao poder da ilusão e da ideologia, uma vez que todo conteúdo humano que se realiza através da religião é aparente e ilusório, e anseia uma nova consciência humana, uma vida mais real. Ela expressa um protesto do homem oprimido impossibilitado de se realizar dentro das condições dominantes sustentadas pelo discurso religioso. Nesse sentido, o que Feuerbach propõe para se destruir essa ilusão é a inversão do processo ideológico. Ele crê que o homem pode se transformar através de uma postura crítica, só pela transformação da consciência. Portanto, Feuerbach faz-nos perceber que a religião, como sendo formadora dos horizontes de compreensão do mundo, a partir dos quais os seres humanos orientam grande parte de sua vida, não pode passar despercebida para os olhos da filosofia. Embora a análise desenvolvida por Feuerbach acerca da religião seja passível de críticas por apresentar lacunas em alguns aspectos, sobretudo ao centrar-se por demais no próprio homem e na negação de Deus, sua contribuição para a compreensão da alienação religiosa representa um esforço no sentido de ressaltar o papel e a importância da consciência humana diante da experiência religiosa, pois a alienação religiosa como tal ocorre na esfera da consciência e da interioridade humanas. A incidência disso para a nossa realidade é que se trata de um problema que tem a ver com aquilo que somos e a religião tem muito a ver com a formação da consciência e como tal pode se transformar em grande detentora do controle da vida das pessoas e da realidade como um todo.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. Apresentação da tradução de *A Essência do Cristianismo*. Campinas: Papirus, 1988.
- FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Campinas: Papirus, 1988.
- SHÜTZ, Rosalvo. *A crítica da religião de Feuerbach*. In: *Studium: Revista de Filosofia*. Ano 4 – Nº 7 e 8 – Recife, 2001.
- SOUZA, Draiton Gonzaga de. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Filosofia transcendental e religião*. São Paulo: Loyola, 1984.
- VALADIER, Paul. *Catolicismo e sociedade moderna*. São Paulo: Loyola, 1991.
- ZILES, Urbano. *Filosofia da Religião*. (Coleção Filosofia), São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

Wodson Vieira Alves

Graduado em Filosofia pelo Instituto Salesiano de Filosofia do Recife e graduando em Teologia pelo Centro universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL), Campus Pio XI.

Nota

- ¹ ZILES, Urbano. *Filosofia da Religião*. (Coleção Filosofia) São Paulo: Edições Paulinas, 1991. p. 100.
- ² SHÜTZ, Rosalvo. *A crítica da religião de Feuerbach*. In: *Studium: Revista de Filosofia*. Ano 4, nº. 7 e 8, Recife, 2001.
- ³ FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Campinas: Papirus, 1988. p. 34.
- ⁴ Cf. ALVES, Rubem. Apresentação da tradução de *A Essência do Cristianismo*, p. 14.
- ⁵ Cf. FEUERBACH, Op. Cit. p. 43.

⁶ SOUZA, Draiton Gonzaga de. O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

⁷ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Filosofia transcendental e religião*. São Paulo: Loyola, 1984. p. 19.

⁸ Cf. FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Campinas: Papyrus, 1988. p. 55.

⁹ FEUERBACH, Op. Cit. p. 55.

¹⁰ FEUERBACH, Op. Cit. p. 57.

¹¹ FEUERBACH, Op. Cit. pp. 56-57.

¹² FEUERBACH, Op. Cit. p. 57.

¹³ ZILES, Urbano. *Filosofia da Religião*. (Coleção Filosofia), São Paulo: Edições Paulinas, 1991. p. 108.

¹⁴ FEUERBACH, Op. Cit. p. 311.

¹⁵ Cf. ZILES, Op. Cit. p. 101.

¹⁶ FEUERBACH, Op. Cit. p. 309.

¹⁷ VALADIER, Paul. *Catolicismo e sociedade moderna*. São Paulo: Loyola, 1991. p. 59.